

Infiltrado no Vietnã

André La Salvia  
junho/2020

Há nesses dois últimos filmes da galera do Spike Lee (uma tradução livre para a *Spike Lee joint*) algo que os une em uma forma de invenção de um jeito de contar sua história. Não se trata da temática do movimento negro, que é um traço de toda a sua carreira, mas sim a re-invenção de um estilo da montagem.

É um cinema político, ainda mais político do que já era. Talvez agora aos moldes de um Glauber Rocha, com personagens arquetípos que falam diretamente para a câmera os seus pensamentos. Pois é um discurso contundente que se posiciona face a realidade atual do racismo norteamericano. Mas isso já estava lá desde sempre.

Agora, tanto *Infiltrado na Klan* quanto *Destacamento Blood* inventam, em suas montagens, duas características que entendemos como renovadoras de um estilo. A primeira delas é que ambos os filmes dialogam com a realidade para compor sua história. Não falo do fato de que o detetive do Colorado ou a guerra do Vietnã existiram, mas sim o modo de compor as imagens da ficção com as imagens da realidade. As histórias são cruzadas com imagens reais, sejam atuais ou passadas, na montagem.

O posicionamento face ao racismo atual perpassa as manifestações supremacistas brancas dos últimos anos bem como o movimento Black Lives Matter. Essas imagens aparecem no final dos filmes e são referenciadas ao longo de toda a obra. Ambas as obras inclusive conectam o momento atual com o histórico das lutas dos afroamericanos. Aqui está a reinvenção do estilo da galera do Spike Lee.

*Infiltrado na Klan* se passa nos anos 70, entre o movimento Black Panthers e *Destacamento* é uma volta a um Vietnã atual, mas diversas vezes retratado no passado. Ambos dependem das conexões com o passado e seu desbodramento no presente, e isso é arranjado na montagem com as cenas reais. Desde arquivos como de Martin Luther King discursando contra a guerra, como manifestações de rua e reuniões do movimento Black Lives Matter.

Infiltrado já conectava a história real do primeiro detetive negro do Colorado com o movimento negro atual. Mas Destacamento Blood também aprofunda a continuação da luta atual com a luta do passado. Em uma das cenas, uma radialista vietnamita tenta convencer os negros de que eles lutam por liberdade que não desfrutaram na América, após noticiar o assassinato de Luther King e vai direto na consciência de um dos Bloods de que a grana do ouro tem que financiar o atual movimento Black Lives Matter. Spike Lee Joint conduzem com maestria essas conexões.

No caso do Vietnã há ainda a crítica da própria guerra e suas crueldades, crueldades dos brancos americanos matando crianças, queimando vilas e jogando agente laranja que causou câncer nos próprios americanos, como no contraditório personagem que vota no Trump.

Outro traço desse estilo da montagem da Spike Lee Joint é o acerto de contas com o próprio cinema. Muito presente no Infiltrado, mas também citado no Destacamento.

No Destacamento, por exemplo, já no começo, há uma crítica aos filmes do Rambo e do Braddock que trazem a imagem do herói valentão e musculoso que mata os inescrupulosos comunistas em nome da liberdade. Aliás se pensarmos nesse Rambo mais recente, vemos o seu racismo e etnocentrismo se voltar contra os mexicanos que são bandidos ou coniventes com a bandidagem e precisam ter seus corações arrancados ou cabeças degoladas. Esse Rambo parece justificar a violência contra novos inimigos, depois dos vietnamitas e iraquianos, chegou a vez dos traficantes mexicanos.

Mas em o Infiltrado na Klan a relação com o cinema é ainda mais explorada na construção do estilo da montagem e por isso levanta pontos de vista da galera que fez o filme.

Em uma das sequências do filme, os supremacistas brancos assistem *O nascimento de uma nação*, de D.W. Griffith enquanto jovens universitários negros ouvem o relato do ancestral que presenciou casos semelhantes nos estados racistas do sul dos EUA. E nessa hora percebemos a diferença de perspectivas culturais: enquanto os racistas comemoram as cenas de Griffith, justificando seus atos e pensamentos, os estudantes ouvem o relato do ancião e se horrorizam com a barbárie. Aqui temos um grupo para o qual uma certa concepção de cinema age politicamente ao procurar histórias que justificam

certas teorias políticas e modos de vida. O que queremos dizer é que se é educado pelo cinema, assim como se é educado pelo ancestral e sua tradição oral. Então, quando gostamos de certos filmes e em sua narrativa há a justificativa para a violência contra determinados grupos, estamos de certa forma sendo educados a naturalizar essa barbárie, concordando que esses grupos precisam ser contidos. Não há toa, em um determinado momento, o detetive e sua paquera conversam sobre os filmes blaxploitation, filmes produzidos, estrelados e dirigidos por negros, principalmente nos anos 1970.

Dessa forma, temos um acerto de contas com um certo cinema hollywoodiano. Filmes como Nascimento de uma nação e Rambo constroem narrativas que justificam certas violências ao caracterizar determinados povos (negros ou vietnamitas, entre outros) como perigosos e que precisam ser contidos ou eliminados. A galera do Spike Lee denuncia e apresenta em seu lugar outros referenciais: a ancestralidade, o blaxploitation, a luta do movimento negro.

A re-invenção do estilo da galera do Spike Lee passa então por estes dois mecanismos da montagem: conectar a ficção com a realidade através de imagens reais, de arquivo ou atuais, com a história que se conta e procura fazer uma crítica da história do cinema, de alguns de seus filmes.